

«Da premiada autora e jornalista Joumana Haddad, chega-nos uma narrativa a transbordar de História, identidade e conflito n’O *Livro das Rainhas*... Haddad não se esquiva às consequências devastadoras da violência política e religiosa. Permite aos seus leitores um olhar íntimo sobre uma família que foi forçada a fugir ao longo de mais de um século, recusando veementemente o papel de vítima que os políticos da região desejavam que adoptasse. O romance de Haddad é assustador, mas historicamente rico, com personagens que não se acobardam perante a adversidade.»

– *Arab News*

«*Adoro* este romance da Joumana Haddad, uma escritora libanesa brilhante, líder no activismo pela igualdade, pelas liberdades individuais e pelo secularismo, e uma crítica feroz do sexismo no mundo árabe. *O Livro das Rainhas* é uma saga familiar que cobre quatro gerações de mulheres apanhadas no remoinho trágico das guerras territoriais e do sofrimento do Médio Oriente — desde o genocídio arménio e da ocupação israelita da Palestina até às guerras civis modernas e aos conflitos entre cristãos e muçulmanos no Líbano e na Síria. É uma leitura viciante — muito actual. Recomendo muito.

– *Arab America*

«*O Livro das Rainhas* de Haddad engloba um século de cataclismos levantinos... O romance abarca o genocídio arménio, a Nakba palestiniiana, a guerra civil libanesa, a intifada do Líbano contra a «tutela» síria... A convergência entre as protagonistas do romance e os paroxismos históricos de violência é explosiva, enchendo a narrativa de suspense e emoção. O facto de todas as protagonistas serem mulheres acentua essas qualidades porque nesta história, tal como na vida, quando as pessoas são apanhadas numa guerra ou oprimidas devido à sua identidade nacional/étnica/religiosa, as mulheres e meninas aguentam os mesmos ultrajes que os seus congéneres masculinos — e mais alguns. Mas elas ripostam. E Haddad, desde há muito conhecida pelo seu feminismo, faz questão de mostrar o sofrimento, o estoicismo e a resistência de Qayah, Qana, Qadar e Qamar... Uma convergência louvável e, muitas vezes, pungente de vários eventos históricos violentos e disruptivos

na trajetória de uma única família arménio-árabe. Uma família onde cada geração produz pelo menos uma menina-mulher obstinada, daquelas que tentam valentemente pôr um grão de areia na engrenagem deste genocídio ou daquela Nakba ou de outra guerra civil decidida a devorá-la a ela e a quem lhe é querido.»

– *PopMatters Magazine*



O LIVRO DAS RAINHAS



JOUMANA HADDAD

O LIVRO
DAS
RAINHAS

ROMANCE

TRADUÇÃO DE
LAURA PEDROSA



Sibila
PUBLICAÇÕES

ERICEIRA

Título: *O Livro das Rainhas*

Título original: *The Book of Queens*

Autora: Haddād, Jumānah Sallūm

Tradução: Laura Pedrosa

Publicação original: Interlink Publishing Group, Inc., 2022

© 2024 Sibila Publicações

© 2024 Joumana Haddad

loja@sibila.pt

www.sibila.pt

www.facebook.com/sibilapublic

www.twitter.com/sibilapublic

Este livro pertence à Coleção Mulheres de Palavra®

Sibila Publicações é uma chancela editorial de:

Nas Tuas Mãos Unip. Lda.

Ericeira, Portugal

Editores: Inês Pedrosa, Gilson Lopes

Edição de texto e revisão: Inês Montenegro

Design, paginação e produção: Balzac Publicações | <http://balzac.pt>

Distribuição: Sibila/Above Below Comunicação e Marketing Lda.

Imagem de capa, p. 4: montagem, sob ilustração de Maisei Raman

Foto p. 6; contracapa: a autora, por © Imab Diab

1.ª edição: Novembro de 2024

ISBN: 978-989-53486-9-5

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita dos editores. Respeite o direito de autor. Diga não à cópia.

ÍNDICE

[1] Qayah	15
[2] Qadar	69
[3] Qana	129
[4] Qamar	163
[5] Qadar, novamente	173
Epílogo	185
Personagens	193
Notas Biográficas	195

*Ao meu Bachir,
por quem chamei muito antes dele ter um nome,
e que amarei muito depois de esquecer o meu próprio.*

*Amo a tua tristeza, que é minha também –
Minha mágoa das mágoas, superior a qualquer outra dor;
Amo o teu peito despedaçado, onde ainda o teu amor
continua a cantar e cantar — uma cotovia selvagem de amor.*
– DANIEL VAROUJAN
(Poeta arménio)

*Sobre o meu entulho a sombra torna-se verde,
E o lobo adormece sobre a pele da minha cabra.
Sonha como eu, como o anjo sonha,
Que a vida é aqui... e não além.*
– MAHMOUD DARWISH
(Poeta palestiniiano)

*Nuvens, ó nuvens
Abençoem o homem maldito que caminha até ao fim.
Abençoem-me
Ensinem-me a alegria da evanescência.*
– OUNSI EL HAGE
(Poeta libanês)

*Pronto, século, derrotaste-me,
Mas não encontrarei em todo o Oriente,
Um cume onde possa içar
A bandeira da minha rendição.*
– MOHAMMAD AL-MAGHOUT
(Poeta sírio)

Q



[1]

QAYAH

(Aintab, 1912 – Beirut, 1978)

Bisavó de Qamar

Avó de Qadar

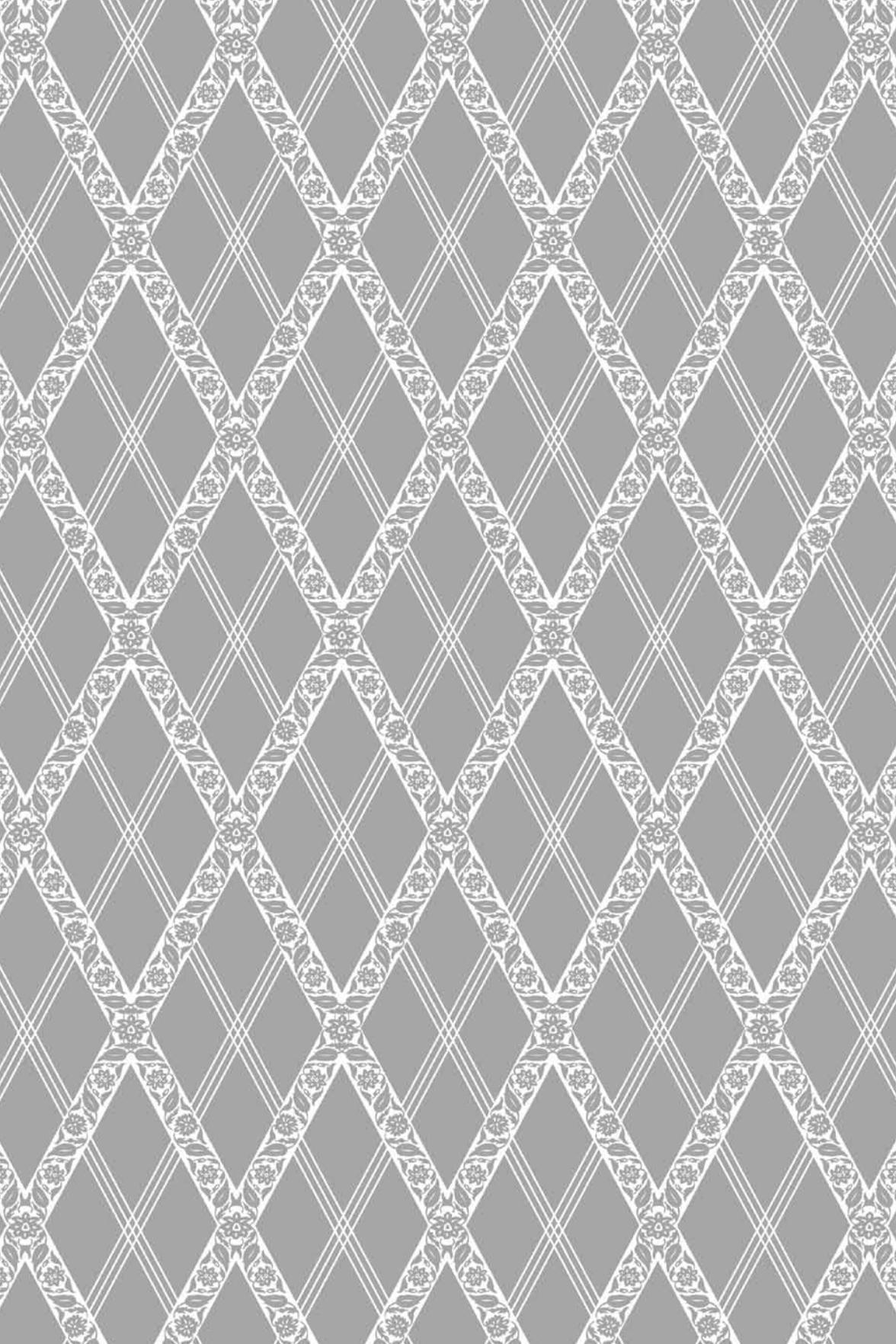
Mãe de Qana

«Aquele que continua a regressar»

A **Rainha de Ouros** é resiliente, enigmática e abnegada. Atravessa muitas transições ao longo da vida, e continua a aceitar novos desafios. Pode ter propensão para a ansiedade, mas é auxiliada por uma habilidade natural para sintetizar a sabedoria conquistada através das suas experiências. O seu destino é governado pelo **Espírito**.



O



*Não digas que este mundo está condenado às trevas,
Que a vida eterna é uma bolha de ar,
Que a alma é cinzas e terra:
Acredito no que tenho de acreditar.*

— SIBIL ZABEL KHANDJIAN
Poeta arménia

O BISPO VIROU-SE, ENTÃO, para ela e disse solenemente, ou tão solenemente quanto a voz aguda lhe permitia:

— Repita depois de mim:

» Eu, Qamar¹ Sarraf, aceito-te, Bassem Barakat, como meu marido, e prometo amar-te, respeitar-te, ser-te sempre fiel, e nunca te abandonar. Com a ajuda de Deus, único na Santíssima Trindade, e de todos os Santos.

Ela ouviu as palavras como se lhe chegassem aos ouvidos através de um sonho estranho, transportadas nas gigantes cas as de um pássaro bizarro, subindo devagar, como música abafada vinda de um poço sem fundo. Avivaram-lhe a memória do poço no quintal da avó em Aintab. Adorava ouvir a melodia do balde a chegar à água, lá no fundo, e, depois, a voltar cheio, puxado pelos braços fortes da avó, entornando umas gotinhas pelo caminho. Para ela, a humidade era um som, não uma sensação. Costumava visualizar o recipiente de cobre enferrujado como uma criatura viva que cantava e dançava, e que até sentia cansaço, após demasiadas viagens para baixo e para cima. Só tinha autorização para se sentar a um metro de distância do muro de tijolo que rodeava a abertura do poço. Daí, agachava-se e escutava atentamente os zumbidos e vibrações. A velha

¹ Nome próprio árabe que significa «Lua». (*Nota da Autora*)

viúva não a deixava olhar para dentro do poço. «A água é a passagem dos fantasmas», dissera-lhe uma vez, para a manter afastada. Sabia que os fantasmas eram assustadores, devido às histórias que a irmã lhe contava todas as noites à hora de dormir. «Eles espiam-te, estão à espera de um vislumbre de contacto visual para te arrastarem para o círculo dormente. Faça o que fizeres, nunca os olhes nos olhos.» Isso bastara para assustar a menina curiosa, e para a impedir de desobedecer. Nunca bebia água do cântaro de porcelana em casa da avó, para que os fantasmas não lhe flutuassem na garganta e lhe deslizassem para o estômago...

— Repita depois de mim...

O bispo barbudo lembrava-lhe um dos amigos de infância do pai, «o homem que falava com cobras», como ela lhe chamava. Hipnotizava-as com a sua flauta especial e forçava-as a baloiçar à sua vontade. Sempre que regressava à terra natal, de uma das suas longas viagens pelo mundo, passava por casa deles para lhes contar histórias entusiasmantes sobre as suas façanhas, espectáculos de rua, e os sítios estranhos e remotos que visitara. Ficavam todos deslumbrados a ouvir as aventuras da sua existência deambulante. Todos, excepto ela. Ela invejava-o pelas viagens que fazia, mas não gostava dele. Depois de cada história, ela fazia-lhe invariavelmente a mesma pergunta: «Mas e se a cobra não quisesse dançar? E se ela estivesse cansada e quisesse dormir?»

Ela. A cobra era uma ela, tal como o encantador de cobras era um ele. E ela tinha de dançar e dançar até ele decidir que bastava, e deixá-la rastejar de volta para o seu cesto. O veneno, claro, está lá, na sua saliva, mas ela não foi ensinada a usá-lo, não foi ensinada a cuspir no seu opressor. Foi apenas ensinada a obedecer; a sentir-se culpada por ser uma cobra; e, acima de tudo, a imaginar que era ela quem o encantava a ele. A presa perfeita é a que não reconhece ser uma presa. Os espelhos enganadores do ego humano são irresistíveis.

Perguntava-se se hoje, na igreja, seria ela a cobra que dançava. Uma triste peça de entretenimento para quem viera ao casamento. A catedral fazia eco, o género de eco que entorpece uma pessoa. Mas o desconforto dos pés nos sapatos apertados, emprestados pela futura cunhada, era demasiado forte para que qualquer sensação de dormência triunfasse. Sentia no

pescoço o ardor de todos os olhos que a observavam, à espera que murmurasse as palavras aguardadas. Por fim, ergueu o olhar e cuspiu, desafiante:

— Eu, Qayah² Sarrafian, aceito-te, Bassem Barakat, como meu marido...

Ao seu voto seguiu-se um silêncio constrangedor. Todos os presentes na cerimónia na Catedral Greco-Católica da Anunciação em Jerusalém repararam que ela tinha dito um nome diferente. Mas não permitiria que a intimidassem. A ela, não. Apesar disso, sabia que a culpa não era do bispo. Estava certa de que fora a mãe de Bassem quem pedira ao pobre homem de Deus que retirasse o «ian» do seu apelido e que substituísse o seu nome próprio, Qayah, pelo nome árabe Qamar. Dizer que a fanática Fadwa não gostava que a noiva do filho não fosse nem árabe, nem melquita, seria dizer pouco. Mas Qayah tinha orgulho na sua herança arménia, e no peso que essa herança lhe esculpira na alma. Era Qayah Sarrafian, filha dos mártires Marine e Nazar, filha adoptiva dos falecidos Vartouhi e Grigor. O sangue espesso da insurreição corria-lhe nas veias, juntamente com um licor viciante chamado dor.

Marine e Nazar. Vartouhi e Grigor. Como desejava que estivessem todos ali presentes, naquele exacto momento, para testemunharem aquele dia especial da sua vida, aquela «vitória»... Bem, não exactamente uma vitória — porque os vencedores têm sempre escolhas e ela não tivera nenhuma —, mas antes como se deitasse a língua de fora ao destino. Tinha a certeza de que os pais também teriam preferido que se casasse com alguém da sua comunidade. Mas Bassem, que ela detestara com veemência quando o noivado lhe fora imposto, revelara-se um homem bom, um homem verdadeiramente bom. Os pais dela tê-lo-iam aprovado. Não tinha nada a ver com a sua pérfida mãe, que nunca perdia uma oportunidade de a fazer sentir-se «inferior», indigna da família Barakat. «Então

² Deusa da Lua Hitita, venerada pelos arménios da Anatólia durante o império Hitita, homóloga feminina do deus da Lua Qayuh (Kayuh) ou Qashuh (Kashuh ou até Kaskuh).

Os Hititas eram um povo da antiga Anatólia que estabeleceram um império centralizado naquilo que agora é a Turquia de 1600 a. C. até 1180 a. C. Os arménios antigos veneravam, inicialmente, a Natureza, mas, ao longo do tempo, a sua fé foi-se transformando para que venerassem deuses emprestados de culturas vizinhas ou dominantes. Mais tarde, a deusa arménia da Lua tornou-se Anahid, emprestada dos persas durante o seu reinado na região (550 a. C. até 330 a. C.). A consoante sonora Q é comum entre os arménios da Anatólia devido a influências turcas e árabes, enquanto no arménio ocidental se pronuncia K ou G. (*N. da A.*)

tu é que és a filha da costureira», dissera a Qayah, com desdém, da primeira vez que Bassem a levava a casa para a apresentar à família. «E, de qualquer forma, o que é que significa esse teu nome esquisito?»

Bassem interviera rapidamente para desarmar a evidente hostilidade da mãe: «É o nome de uma antiga deusa da Lua. E ela é, de facto, a minha Qamar.» Significando: «Calate, mãe.»

Os Barakats eram, na verdade, bastante comuns e modestos, nem chegavam a ser classe média, mas a arrogante Fadwa comportava-se como se fossem realza. Nessa mesma manhã, quando viera visitar a noiva, acompanhada por um grupo de mulheres mais velhas — obrigadas a fazê-lo apenas por tradição e por «o que diriam as pessoas de nós se não o fizéssemos» —, soltara outra dose letal do seu veneno: «O Bassem sempre gostou de fazer boas acções. Casar-se contigo deve ser uma delas.» Qayah ignorou as palavras rancorosas e concentrou-se em ajustar o véu de renda na cabeça.

— Estás apaixonada por ele?

A sua melhor amiga, Negan, insistia em fazer-lhe aquela pergunta espinhosa desde que Bassem marcara a data do casamento.

— O amor é para os vivos, *habibati*³ Negan — respondia, com persistência. De qualquer modo, não estava à procura de amor. O amor era a dor. O amor era o proibido. O amor era a perda. Ela precisava de segurança, não de romance.

— Estás apaixonada por ele como estiveste apaixonada pelo Avi?

— Felizmente não.

Não, ela não estava apaixonada por Bassem. Não podia estar. Mas, depois de o conhecer ao longo dos dezoito meses daquele noivado arranjado, via como ele genuinamente a estimava e como cuidaria dela. Nada mais importava agora.

Qayah temia apenas uma consequência específica daquele casamento: a obrigação física que teria para com o marido; aquilo a que as pessoas chamavam o «dever matrimonial». Não o temia como uma noiva tímida e inocente teme o que ainda há-de descobrir e, quem sabe, até vir a apreciar. Ela sabia o que se esperava dela, e estava certa de que nunca viria a ter

³ «Minha querida» em árabe. (*N. da A.*)